



KnoWhy #366

Maio 23, 2018



Foram necessárias as placas para traduzir o Livro de Mórmon?

“Ó meus filhos, quisera que vos lembrásseis de que estas palavras são verdadeiras e também de que estes registros são verdadeiros [...] e podemos saber da veracidade delas porque as temos diante dos olhos”

Mosias 1:6

O conhecimento

Às vezes, as pessoas se surpreendem ao descobrir que as placas do Livro de Mórmon não foram usadas regularmente durante o processo de tradução. Enquanto traduzia, Joseph Smith geralmente colocava o rosto em um chapéu para evitar a luz ambiente. Então, de acordo com as testemunhas, ele lia em voz alta as palavras que milagrosamente apareciam na pedra de vidente ou nos intérpretes e um escriba as registrava.

Quanto às próprias placas, Emma Smith relatou que elas eram “muitas vezes colocadas sobre a mesa sem intenção de se esconder, embrulhadas em uma pequena toalha de linho”. Outras testemunhas lembraram que em várias ocasiões foram mantidas

“em uma caixa próxima debaixo da cama ou mesmo escondidos no celeiro de Whitmer durante a tradução”. Isso fez com que alguns se perguntassem por que as placas eram necessárias, afinal. Se Joseph Smith não as estava consultando ativamente durante a tradução, por que elas estavam escondidas com um pano e colocadas em algum lugar próximo e geralmente visíveis?

Inicialmente, as placas serviram a um propósito prático. Joseph Smith copiou alguns de seus caracteres gravados, e Martin Harris os levou a vários estudiosos ilustres do leste para verificar sua autenticidade, bem como a capacidade de Joseph de traduzi-los. Martin, que acabou hipotecando sua

fazenda para financiar a publicação do Livro de Mórmon, saiu desta viagem mais convencido do que nunca de que as placas eram reais e autênticas.

Há também algumas indicações de que Joseph Smith estava pelo menos ocasionalmente ciente da relação entre as placas e as palavras que ele estava ditando. Certa vez, ele explicou que “a capado Livro de Mórmon é uma tradução literal, tirada da última placa, no lado esquerdo da coleção ou livro de placas”. David Whitmer declarou certa vez que, ao olhar para a pedra de vidente, Joseph Smith viu um “pergaminho, em que os caracteres das placas apareciam em uma linha no topo e, imediatamente abaixo, aparecia a tradução em inglês”. No entanto, é incerto o quanto bem Joseph Smith entendia a correlação entre o texto em inglês e os caracteres das placas.

Outra consideração importante é que a presença das placas ajudou a confirmar as afirmações reveladoras de Joseph Smith. Anthony Sweat declarou em detalhes: “O texto do Livro de Mórmon não apenas passou pela mente induzida, pelo transe de Joseph; suas relíquias palpáveis passaram por um pano, um tronco oco, uma tenda de cobre, um guardanapo de linho, um baú de madeira, o coração de uma lareira e um barril de feijão”. De acordo com Michael MacKay e Gerrit Dirkmaat, as placas eram “em essência, o corpo para as palavras espirituais que caíram nos lábios de Joseph Smith enquanto ele traduzia” e o ajudaram a infundir “confiança na mente de Joseph, sua família e amigos” de que suas palavras vieram de um antigo registro real.

Embora os participantes e observadores envolvidos na proteção e tradução das placas não tivessem permissão para vê-las diretamente, muitas vezes as detectavam através de outros sentidos além da visão. Com base em diferentes registros históricos, Neal Rappleye explicou: “Eles sentiram, levantaram e moveram este objeto (enquanto estava coberto). Eles podiam sentir o peso, o contorno e a forma do objeto o suficiente para discernir que não eram blocos de madeira ou pedras. Eles podiam levantar cada página (ou placa), ouvi-los fazendo um ruído metálico enquanto se moviam e sentir que estavam unidos por três anéis”.

Embora estivessem sempre cobertos e sem uso à mesa, eles forneceram um lembrete visual constante

da realidade tangível do Livro de Mórmon. Como o rei Benjamim ensinou: “Ó meus filhos, quisera que vos lembrásseis de que estas palavras são verdadeiras e também de que estes registros são verdadeiros [...] e podemos saber da veracidade delas porque as temos diante dos olhos”. (Mosias 1:6).

O porquê

Além dessas considerações práticas, as placas representavam significativamente a presença do Senhor e Sua participação no processo de tradução. Esse simbolismo espiritual pode ser extraído de vários registros bíblicos, onde o Senhor se mostrou abertamente a um profeta escolhido, mas depois obscureceu Sua identidade com algum tipo de véu quando outros seguidores estavam presentes.

Quando ele conduziu os israelitas pelo deserto, o Senhor falou em particular com Moisés “face a face” (Êxodo 33:11). Mas quando Ele deu a conhecer Sua presença a todo o acampamento, Ele se cobriu “de dia numa coluna de nuvem [...] e de noite numa coluna de fogo, para os alumiar” (Êxodo 13:21). Da mesma forma, quando os jareditas viajaram para a terra prometida, “o Senhor foi adiante deles e falou com eles enquanto estava em uma nuvem; e deu-lhes instruções para onde viajar” (Éter 2:5). Somente o irmão de Jared, seu líder profético, podia ver além do véu e entrar na presença do Senhor (Éter 3:6-20).

Assim como Moisés e o irmão de Jared foram os únicos autorizados a entrar plenamente na presença do Senhor, Joseph Smith foi o único inicialmente autorizado a ver plenamente as placas. Para todos os outros, as placas, como o próprio Senhor, estavam presentes e até mesmo escondidas — fora da vista, mas nunca completamente fora da mente. Nas histórias de êxodo dos israelitas e jareditas, o Senhor ocultou Sua presença, fornecendo um lembrete visível de que era verdadeiramente o próprio Deus, e não apenas o profeta, que os estava levando para a terra prometida. Da mesma forma, as placas encobertas eram um lembrete constante de que as palavras que o Profeta Joseph Smith estava ditando não eram dele, elas foram dadas a ele por Jesus Cristo (2 Néfi 27:20).

Esse paralelismo não apenas revela a relação simbólica entre Jesus Cristo e o Livro de Mórmon, mas também pode ser aplicado a nós como indivíduos.

Nós, como testemunhas envolvidas na tradução, devemos primeiro confiar nos testemunhos de profetas como Moisés e Joseph Smith. Embora não possamos ver diretamente o Senhor por nós mesmos, experiências sagradas, como tomar o sacramento, indiretamente nos permitem sentir Sua presença em nossa vida.

Finalmente, alguns dos participantes e testemunhas da tradução, tiveram acesso às placas e tiveram o privilégio de “[ver] e [considerar] essas coisas como são” e ainda segurar as mesmas placas (D&C 5:13).

Da mesma forma, o Senhor quer que cada um de nós se prepare para entrar em Sua presença. Em 1831, o Senhor declarou a Seus santos: “Estou no meio de vós e não me podeis ver; [m]as logo vem o dia em que me vereis e sabereis que eu sou” (D&C 38:7-8). No devido tempo do Senhor, um dia também poderemos ver o corpo ressuscitado e sentir as marcas das feridas em suas mãos, pés e no lado daquele que vimos pela primeira vez com os olhos da fé (D&C 88:68; 93:1).

Essas ideias, tanto práticas quanto espirituais, sugerem que, em vez de ser desnecessária, a presença das placas deve ter sido essencial para o processo de tradução. Os caracteres gravados copiados de suas páginas ajudaram a fortalecer a fé de Martin Harris e de outros. Sua realidade tangível era um lembrete constante de que as palavras de Joseph Smith vinham de um registro real de profetas antigos. E sua presença secreta simbolizava a plena participação de Jesus Cristo na tradução.

Como testificou Élder Jeffery R. Holland, “a realidade dessas placas, a essência delas, se preferirem, e a evidência que recebemos delas na forma do Livro de Mórmon estão no coração, bem no centro, na esperança, no testemunho e na convicção de que essa obra é inabalável em mim para sempre”.

Leitura complementar

Neal Rappleye, “‘Idle and Slothful Strange Stories’: Book of Mormon Origins and the Historical Record”, *Interpreter: A Journal of Mormon Scripture* 20 (2016): pp. 21–37.

Michael Hubbard MacKay y Gerrit J. Dirkmaat, *From Darkness unto Light: Joseph Smith’s Translation and Publication of the Book of Mormon* (Salt Lake City e

Provo, UT: Deseret Book e Religious Studies Center, Brigham Young University, 2015), pp. 200–201.

Michael Hubbard MacKay e Gerrit J. Dirkmaat, “Firsthand Witness Accounts of the Translation Process”, em *The Coming Forth of the Book of Mormon: A Marvelous Work and a Wonder*, ed. Dennis L. Largey, Andrew H. Hedges, John Hilton III e Kerry Hull (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e Religious Studies Center, Brigham Young University, 2015), pp. 61–79.

Anthony Sweat, “Hefted and Handled: Tangible Interactions with Book of Mormon Objects”, em *The Coming Forth of the Book of Mormon: A Marvelous Work and a Wonder*, ed. Dennis L. Largey, Andrew H. Hedges, John Hilton III e Kerry Hull (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e Religious Studies Center, Brigham Young University, 2015), pp. 43–59.

Daniel C. Peterson, “Tangible Restoration: The Witnesses and What They Experienced,” apresentação no FairMormon, 2004, pp. 31–33, disponível em fairmormon.org.



Notas de rodapé

1. Há alguns relatos de que Joseph Smith usou as placas durante o processo de tradução, mas isso parece vir principalmente de fontes secundárias. Ver Michael Hubbard MacKay e Gerrit J. Dirkmaat, *From Darkness to Light: Joseph Smith’s Translation and Publication of the Book of Mormon* (Salt Lake City and Provo, UT: Deseret Book and Religious Studies Center, Brigham Young University, 2015), pp. 86–87; John W. Welch, “The Miraculous Timing of the Translation of the Book of Mormon”, em *Opening the Heavens: Accounts of Divine Manifestations, 1820–1844*, ed. John W. Welch, 2ª edição (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e BYU Press, 2017), pp. 135, 161, 172, documentos primários nº 23, 77 e 95.
2. Ver Michael Hubbard MacKay e Gerrit J. Dirkmaat, “Firsthand Witness Accounts of the Translation Process”, em *The Coming Forth of the Book of Mormon: A Marvelous Work and a Wonder*, ed. Dennis L. Largey, Andrew H. Hedges, John Hilton III, e Kerry Hull (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e Religious Studies Center, Brigham Young University, 2015), p. 68–70.
3. Ver MacKay e Dirkmaat, “Firsthand Witness Accounts”, pp. 65–68, 70–71.
4. “Last Testimony of Sister Emma”, *The Saint’s Herald* 26, no. 19 (1 de outubro de 1879): p. 290.
Para registros históricos consistentes com a descrição de Emma, ver Welch, “The Miraculous Timing of the Translation”, pp. 145, 153, 166, 184, Primary Documents No. 43, 59, 86, 110, 111.
5. MacKay e Dirkmaat, “Firsthand Witness Accounts”, p. 71.
6. Ver Richard E. Bennett, “Martin Harris’s 1828 Visit to Luther Bradish, Charles Anthon, and Samuel Mitchell”, em *The Coming Forth of the Book of Mormon*, pp. 103–115; Richard E. Bennett, “Martin Harris and Three Wise Men”, BYU Speeches, 29 jun. 2010, disponível em speeches.byu.org; Richard E. Bennett, “Read This I Pray Thee”: Martin Harris and the Three Wise Men of the East”, *Journal of Mormon History* 36, no. 1 (Winter 2010): pp. 178–216; Richard E. Bennett, “A Nation Now Extinct”, American Indian

- Origin Theories as of 1820: Samuel L. Mitchill, Martin Harris, and the New York Theory”, Journal of Book of Mormon Studies and Other Restoration Scripture 20, no. 2 (2011): pp. 30–51; Richard E. Bennett, “A Very Particular Friend”: Luther Bradish”, em Approaching Antiquity: Joseph Smith and the Ancient World, ed. Lincoln Blumell, Matthew J. Grey, e Andrew H. Hedges (Salt Lake City e Provo, UT: Deseret Book e Religious Studies Center, Brigham Young University, 2015), pp. 63–82; Michael Hubbard MacKay, “Git Them Translated’: Translating the Characters on the Gold Plates”, em Approaching Antiquity, pp. 83–116; MacKay e Dirkmaat, From Darkness unto Light, pp. 39–59.
7. Ver Bennett, “Martin Harris’s 1828 Visit”, p. 105. Ver também Susan Easton Black e Larry C. Porter, “For the Sum of Three Thousand Dollars”, Journal of Book of Mormon Studies 14, no. 2 (2005): pp. 4–11, 66–67; Central do Livro de Mórmon, “Como Martin Harris ajudou a trazer à luz o Livro de Mórmon? (2 Néfi 27:15)”, KnoWhy 291 (16 de janeiro de 2018).
8. History, 1838–1856, volume A-1, p. 34, The Joseph Smith Papers, acesso em 21 jul. 2017, disponível em josephsmithpapers.org.
9. Este relatório vem de uma entrevista com o Kansas City Journal em 1881, conforme citado em Welch, “The Miraculous Timing of the Translation”, 166, Primary Document No. 86.
10. Daniel C. Peterson, ”Editor’s Introduction: Not So Easily Dismissed: Some Facts For Which Counter explanations of the Book of Mormon Will Need to Account”, FARMS Review 17, no. 2 (2005): xxiv argumenta que a presença das placas torna difícil “afirmar que não havia nefitas, mas que Joseph Smith era, no entanto, um profeta inspirado. ‘Se as placas realmente existiam, alguém as fez. E se não houvesse nefitas que os fizessem, então Joseph Smith, ou Deus, ou outra pessoa parece ter participado de uma fraude simples. O testemunho dos registros existe, penso eu, para forçar uma escolha dicotômica: verdadeira ou falsa?’”
11. Anthony Sweat, “Hefted and Handled: Tangible Interactions with Book of Mormon Objects”, em The Coming Forth of the Book of Mormon, p. 44.
12. Mackay e Dirkmaat, From Darkness to Light, p. 87.
13. Neal Rappleye, “Idle and Slothful Strange Stories”: Book of Mormon Origins and the Historical Record”, Interpreter: A Journal of Mormon Scripture 20 (2016): p. 26.
14. Para saber mais sobre a tangibilidade das placas e dos artefatos que as acompanhavam, ver Daniel C. Peterson, “Tangible Restoration: The Witnesses and What They Experienced”, FairMormon Conference, 2006, disponível em fairmormon.org.
15. Ver David A. Bednar, “Porque as Temos Diante dos Olhos”, A Liahona, abril de 2006, disponível em: lds.org.
16. Em Doutrina e Convênios 28:2, o mesmo Senhor comparou Joseph Smith a Moisés.
17. Assim como o corpo de Cristo em Seu túmulo, e assim como as placas cobertas de pano sobre a mesa à vista de todos durante a tradução, também os emblemas do sacramento, quando administrados pelo sacerdócio, são cobertos em uma mesa durante as reuniões sacramentais tanto dos últimos dias.
18. Em um encontro com Theodore Turley, John Whitmer, uma das oito testemunhas, declarou: “Agora eu digo, eu segurei essas placas; elas estavam finamente gravadas em ambos os lados. Eu as segurei”. Welch, “The Miraculous Timing of the Translation”, 178, documento primário nº 102. Essas gravuras correspondem significativamente ao corpo ferido de Cristo e às marcas de pregos em Suas mãos e pés. Assim como os profetas do Livro de Mórmon tiveram muito cuidado e esforço em gravar cada caractere individualmente nas placas (Jacó 4:1-2), Cristo nos gravou nas “palmas das [Suas] mãos” (Isaiás 49:16). Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “O que realmente significa ter Caridade? (Morôni 7:45)”, KnoWhy 361 (15 de maio de 2018).
19. Ver D&C 84:19–25. Ver o artigo da Central do Livro de Mórmon, “Por que Jesus ministrou às pessoas “uma a uma? (3 Néfi 17:21)”, KnoWhy 209, (20 de setembro de 2017).
20. Jeffrey R. Holland, “The Greatness of the Evidence”, Chiasmus Jubilee, 16 de agosto de 2017, disponível em bookofmormoncentral.org.